

Processos de autoaprendizagem em guitarra e as aulas particulares de ensino do instrumento

Electric guitar self-learning processes and instrument private classes

MARCOS DA ROSA GARCIA Universidade Federal da Paraíba (UFPB) ▶marcosrosa2408@yahoo.com

resumo

Este artigo discute aspectos relacionados à aprendizagem de guitarra, contemplando mais especificamente músicos, profissionais e amadores, atuantes na cidade de João Pessoa. O trabalho tem como objetivo refletir acerca dos processos que caracterizam a aprendizagem de guitarristas no município, levando em consideração as dimensões educacionais e culturais que alicerçam a formação desses músicos. O estudo tem como base uma pesquisa bibliográfica no campo da educação musical e áreas afins, bem como dados empíricos coletados junto a guitarristas de João Pessoa. A partir da pesquisa ficou evidenciado que a autoaprendizagem é um elemento fundamental para a formação dos guitarristas investigados. Esse processo de aprender música se constitui a partir da mescla de informações oriundas de fontes diversas, que tem relação com os gostos, valores e experiências pessoais de cada aprendiz. Em linhas gerais, é possível afirmar que na autoaprendizagem se aprende perguntando, questionando, observando, reproduzindo e comparando-se a outros músicos, ídolos (modelos musicais), amigos e familiares.

PALAVRAS-CHAVE: guitarra, aprendizagem musical, autoaprendizagem

abstract

This article examines the aspects related to the learning of the electric guitar, regarding more specifically the active musicians, professional and amateur, in the city of João Pessoa. This work aims at pondering over the processes that characterize the learning of guitar players in this city, carefully considering the educational and cultural dimensions that lay the foundation to the formation of these musicians. The study is based on a bibliographic research in the music education field and related areas, as well as on empiric data collected from guitar players in João Pessoa. Based on the research, it has become evident that self-learning is a fundamental element in the formation of the researched musicians. This music learning process is constituted by a variety of pieces of information obtained from several sources, which are related to each apprentice's personal tastes, values and experiences. Generally speaking, it is possible to affirm that in self-learning one learns by asking, arguing, observing, reproducing and comparing oneself to other musicians, role models, friends and family members.

KEYWORDS: electric guitar, musical learning, self-learning

Na atualidade, a guitarra elétrica se tornou mais que apenas um instrumento musical dentre outros tantos (re)inventados durante o século XX. O instrumento tem se consolidado nas mãos de diversos músicos e através de personagens do mundo, seja com a sua utilização na construção sonora de variados gêneros musicais ou na utilização de sua imagem em propagandas televisivas, *outdoors* ou catálogos de produtos distintos. A guitarra tornou-se um símbolo da cultura *pop* em geral, assim como um ícone da atitude presente no estilo rock com sua rebeldia, juventude, energia, consumismo e modernidade.

Após a realização da pesquisa intitulada *O ensino de guitarra elétrica no contexto das aulas particulares* (Garcia, 2010), para conclusão do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba, percebi que uma de minhas expectativas não correspondeu à realidade observada. Inicialmente, minha hipótese era de que a maioria dos guitarristas aprendessem por meio de aulas particulares do instrumento; porém, após as entrevistas com esses professores e a análise de biografias encontradas em revistas e livros especializados, foi verificado que a grande maioria desses músicos, em especial aqueles atuantes no Brasil, se declaram autodidatas, e que somente depois de certo tempo atuando, profissionalmente ou não, como professores ou instrumentistas é que buscam a ajuda de professores particulares. Sendo assim, pode-se perceber que ainda existe

uma forte tradição de caráter autodidata no aprendiz musical, que persiste mesmo quando a figura do professor está presente. A natureza do aluno deixa-o em estado de alerta permanente, vasculhando e garimpando todos os espaços em busca de algum conteúdo que o interesse. (Gohn, D., [s.d.]

Com base nessa constatação, o presente artigo discute o tema da autoaprendizagem musical, analisando o tema, mais especificamente, da aprendizagem de guitarra. De maneira geral, o trabalho tem como objetivo refletir acerca dos processos que caracterizam a aprendizagem de guitarristas de João Pessoa, com ênfase na autoaprendizagem, levando em consideração as dimensões educacionais e culturais que alicerçam a formação desses músicos.

O trabalho tem como base metodológica um estudo bibliográfico acerca do tema, bem como dados empíricos coletados a partir da aplicação de questionários a guitarristas, amadores e profissionais, da cidade de João Pessoa¹. O instrumento aplicado continha apenas uma questão: qual sua formação músico-instrumental? Todavia, para aqueles que deram respostas sucintas, foi realizado um contato mais particular, a fim de que esclarecessem ou detalhassem suas respostas. Além dos dados coletados especificamente para o trabalho de pesquisa analisado neste artigo, foram utilizadas, também, como base para as análises realizadas, respostas de professores particulares de guitarra do município, entrevistados em minha primeira pesquisa, mencionada anteriormente (Garcia, 2010). Neste artigo, os nomes dos entrevistados foram mantidos em sigilo, para não expor nenhum dos pesquisados. No entanto, os professores particulares ou guitarristas amadores foram registrados seguidos de numeração para diferenciar cada informante. Além disso, está indicado o ano em que ocorreram as entrevistas.

1. A cidade de João Pessoa foi escolhida para a realização da pesquisa de monografia e de mestrado devido à viabilidade empírica do pesquisador em visitar essa localidade durante o cronograma proposto.

Durante a primeira pesquisa, os professores particulares foram perguntados quanto à sua formação musical, ou seja, como aprenderam a tocar guitarra e sobre o modo como adquiriram conhecimentos musicais variados, incluindo elementos teóricos sobre música. Suas respostas foram de que inicialmente aprenderam sozinhos devido, principalmente, à dificuldade de encontrar material e professores. Assim, eles “tiravam músicas de ouvido” através da escuta das rádios e aprendiam a tocar através de tentativa e erro até conseguirem tocar as músicas que ouviam, o que Green (2001, p. 60-61, tradução minha) chama de *listening and copying*², como se pode ver em seguida.

De longe, a principal prática de aprendizagem para músicos populares iniciantes, como já se sabe, é a cópia de gravação de ouvido. [...] Parece um fato extraordinário que muitos milhares de jovens músicos de todo o mundo têm adotado essa abordagem de ensino em um espaço de tempo relativamente curto [...] fora de qualquer rede formal, geralmente nas fases iniciais de aprendizagem, de forma isolada um do outro, sem a orientação de adultos³.

A autoaprendizagem é aquela na qual o aluno (aprendiz) exerce plena autonomia e controle sobre suas práticas educacionais. Defino, portanto autoaprendizagem, neste trabalho, como sendo a interação do indivíduo com múltiplos ambientes de aprendizagem, permitindo-lhe o envolvimento ativo no processo de aquisição de conhecimentos e habilidades. Esse universo musical se constitui como uma prática de aprender música que se estabelece fora do contexto da educação escolar e, assim, possui elementos comuns à aprendizagem que acontece em espaços alternativos de ensino como ONGs, projetos, cursos livres de música e aulas particulares. Nesse sentido, a autoaprendizagem tem como características a não legitimação ou validação de seus processos pelos órgãos vigentes da educação formalizada, uma sistematização e organização própria, a flexibilidade de conteúdos e, principalmente, a intencionalidade do aprendiz em aprender (Almeida, 2005; Gohn, D., 2003; Gohn, M., 1997, 2006; Wille, 2005).

Muitas vezes, os processos de autoaprendizagem ocorrem neste contexto devido à “tradição” de que música não se aprende na escola, o que força os interessados a procurar meios alternativos, e também devido à falta de materiais sobre guitarra e cursos disponíveis. Na citação a seguir, um dos professores investigados destaca a cidade de João Pessoa nos anos 1990, como sugere a sua fala:

[...] quando a gente começou a tocar guitarra tinha uma história invocada que era assim: Primeiro instrumento era pau⁴. Isso foi em quê? 1990 por aí. Então o que aconteceu; tinha Letinho e tinha Luciano [guitarristas de João Pessoa] que mora há muitos anos no Rio de Janeiro. E era uma fase assim que Letinho ligava pra mim e dizia: “Bicho, Luciano mandou um material!” Mas a gente fazia a festa com aquele negócio. Porque videoaula nem pensar, nem isso a gente sabia que existia. Eu lembro que você pegava uma videoaula, daquelas primeiras do Mozart Mello, era assim, passava a noite toda com aquele negócio. E era uma coisa rudimentar. (Professor particular 1, 2009)

2. “Ouvir e copiar”.

3. No original: “By far the overriding learning practice for beginner popular musician, as is already well known, is to copy recording by ear. [...] It seems an extraordinary fact that many thousands of young musicians across the world have adopted this approach to learning over a relatively short space of time [...] outside of any formal network, usually at early stages of learning, in isolation from each other, without adult guidance.”

4. O termo “pau” aqui se refere à dificuldade de adquirir um instrumento e não à constituição física da guitarra.

De acordo com as publicações disponíveis nessa área de estudo foi possível encontrar diferentes expressões para o que Teixeira (2005) considera como aprendizagem autônoma. Logo, autoaprendizagem, autoinstrução ou autoformação são termos que se confundem e variam. O que diferentes correntes teóricas e sociais têm em comum é a afirmação e o reconhecimento da centralidade do sujeito no seu processo formativo. É o sujeito quem gere, decide, apropria-se de sua própria formação e das múltiplas aprendizagens que realiza.

A autoaprendizagem é possível devido a características singulares e inerentes ao aprendiz. O indivíduo que decide aprender música sozinho tem total interesse na matéria e relaciona o estudo às informações presentes em seu cotidiano. Ele procura elementos na sua vida diária que acrescentem e contribuam para com o processo, estabelece para si as condições para desenvolver seu potencial, objetivando independência, criatividade e autoconfiança, e combina sentimentos e inteligência para obter resultados.

Porém, os aprendizes possuem diferentes níveis de consciência sobre suas práticas de aprendizado. Se, por um lado, práticas “inconscientes” ocorrem sem nenhuma sensação particular de que o aprendizado está acontecendo, em outro extremo, práticas de aprendizagem “consciente” ocorrem quando o estudante sabe que está aprendendo ou se esforçando para aprender. Os estudantes conscientes possuem então alguns objetivos que são combinados com direcionamento para serem cumpridos como uma estrutura prática de rotina.

A prática autoformativa em música é bastante comum no aprendizado de música popular. O fato é que as músicas normalmente copiadas e aprendidas pelos músicos populares já são “conhecidas” e têm por base o seu “gosto”. Normalmente, são músicas fortemente veiculadas pelos sistemas de comunicação de massa e, portanto, fazem parte dos processos de enculturação dos aprendizes. Isso ressalta a importância das músicas populares no processo de aprendizagem. Para deixar mais claro, “quando a escuta e cópia inconscientes estão acontecendo, a música envolvida é bastante conhecida, e uma razão de por que é conhecida é porque é frequentemente ouvida, a razão para isso é que ela é apreciada” (Green, 2001, p. 68, tradução minha⁵). Ademais, quando o estudante está praticando algo que gosta, ele nem sempre é capaz de perceber que está aprendendo algo novo por meio do prazer presente nessa atitude. Devido ao apelo popular do próprio instrumento, abordo em seguida alguns aspectos sociais da prática de aprendizado em guitarra.

a cultura do aprender guitarra sozinho

No momento de minha segunda pesquisa, entre os meses de agosto e setembro de 2010, através de chamadas via internet (mensagens eletrônicas) com outros guitarristas da cidade de João Pessoa, foi realizada a mesma pergunta que havia sido elaborada para os professores particulares, sobre sua formação músico-instrumental; porém, nesse segundo momento, a maioria dos entrevistados era de músicos amadores e, dos 16 guitarristas que responderam à questão, nove se declaram autodidatas. Contudo, entre esses nove, em alguns

5. No original: “[...] when unconscious listening and copying are taking place, the music involved is already known to a large extent, and one reason why it is already known is because it is frequently listened to, the reason for which is that it is liked.”

casos, são citados diversos processos paralelos de aprendizagem, como a participação em bandas (ensaios), aulas particulares, interferência familiar, de amigos e igrejas, o que pode ser observado na fala de um dos entrevistados⁶:

Comecei tocando um violão imaginário nos bancos da igreja. Depois, a coisa foi pegando de verdade, ganhei um violão aos oito anos e passei a tirar um monte de música de “orelha” mesmo, na tora e sozinho. Depois, estudei violão com um professor num conservatório de Campina Grande e tive meu primeiro contato com guitarra, uma Gianini Sonic⁷. Depois, mudei pra João Pessoa e, passado alguns outros anos, fui estudar violão clássico no Espaço Cultural⁸ com professor Domingos. Me orientou depois de dois anos, para fazer bacharelado em música, mas fui por outros caminhos profissionais. Mas sempre fui curioso, nunca deixei a música e procurei estudar com Mestre Leo Meira [professor particular], que me passou umas ideias que uso até hoje. De resto, depois que apareceu internet, tudo virou virtual e totalmente solitário, como no começo. (Guitarrista 1, 2010)

E um outro entrevistado comenta:

Passei a maior parte do tempo autodidata mesmo. Aos 15 anos consegui um violão e comprei umas revistinhas de cifra, depois vieram as tablaturas disponíveis na net assim como revistas tipo *Guitar Player* e *Guitar Class*. Depois, no YouTube, peguei umas videoaulas também, mas sempre pegando coisas de ouvido. Ao passar por algumas bandas também aprendi muito com os amigos, principalmente a parte de criar sua própria ideia na música. (Guitarrista 2, 2010)

Pode-se observar ainda, na fala do “Guitarrista 1”, que seu início se deu no instrumento violão, o que também é uma prática comum entre os guitarristas quando do início de sua prática músico-instrumental. Isso ocorre porque o violão costuma possuir um maior apelo popular, devido à sua praticidade de locomoção, não necessitar de outros equipamentos eletrônicos para audição de um som satisfatório, além de seu valor de mercado ser mais acessível.

Tampouco é possível desprezar “a quantidade de publicações existentes no mercado referentes ao ensino e aprendizagem de música através de livros, métodos e guias para a auto-aprendizagem ou auto-instrução de um instrumento, geralmente violão ou piano” (Corrêa, 1999). Essas publicações exploram e prometem facilidades na aprendizagem e, em geral, são destinadas a um público jovem e ávido por informações musicais. Na atualidade, esse tipo de publicação é cada vez mais comum, podendo ser encontrado em bancas de revistas ou livrarias.

Observei que os processos iniciais e solitários tiveram continuidade em outros contextos, pois os entrevistados afirmam que buscaram aulas particulares, cursos livres ou mesmo uma formação formal em conservatório, e, desse modo, foi possível identificar processos

6. Ao transcrever a fala dos entrevistados, foram corrigidos erros de ortografia e pontuação, mas decidi manter a forma coloquial por meio da qual eles se expressaram.

7. Gianini Sonic é uma marca e modelo de guitarra.

8. O Espaço Cultural é um centro de cultura e eventos onde se localiza a escola de música Antenor Navarro (Eman), um conservatório de música de educação formal, financiada pelo governo do estado.

paralelos às práticas de autoaprendizagem. Um dos motivos dessa busca se deve, acredito, à falta de valorização do ensino não formal e informal. Ainda é do senso comum não validar os conhecimentos adquiridos fora de instituições legitimadas e formalizadas, pois o fazer musical é visto como trabalho artesanal e o conhecimento é obtido de forma não formal, por vezes sem consciência de que se está aprendendo, fazendo com que esse conhecimento não seja validado pelos próprios aprendizes (Green, 2001; Lima, 2001). Os entrevistados parecem perpetuar essa ideia ao não lembrar de suas experiências anteriores à iniciação musical, quando não contavam com o auxílio do professor. Os guitarristas não são capazes de questionar suas experiências, pois “apesar da mobilização freqüente dos alunos em direção a sua auto-formação, a escola ainda ocupa um lugar especial e insubstituível no conceito deles, e principalmente a figura do professor se situa como ponto central dessa mesma escola” (Marques, 2008, p. 44). Tal visão está presente na fala de um dos entrevistados, quando afirma:

Minha irmã me ensinou algumas notas, depois fui pegando um pouquinho dali e outro daqui, daí passei a ver videoaulas e vídeos na net. Hoje, estudo música na UFCG, faço violão clássico e percepção musical, mas nunca tive um professor pra me ensinar guitarra, não. (Guitarrista 3, 2010)

Em um trabalho publicado por Queiroz e Figueirêdo (2006) sobre práticas musicais urbanas na cidade de João Pessoa, os pesquisadores constataram esse fenômeno de “esquecimento” dos músicos ao descreverem os processos pelo quais ocorreu sua respectiva formação musical, e destacam em dados quantitativos que 79,6% dos entrevistados (músicos atuantes na cidade) declaram ter consolidado sua formação musical informalmente – de modo aural ou pela tradição oral. Porém, é representativa a contradição ao se verificar que 66,2% dos entrevistados na pesquisa alegam ter estudado música em algum tipo de escola, geralmente não formal. Logo, esse “esquecimento” e desvalorização de outras práticas não guiadas por professor especialista não são exclusivos dos guitarristas por mim entrevistados, mas um aspecto comum relacionado ao fenômeno musical do município.

O mercado de trabalho foi indicado como um dos mais exigentes de aprimoramentos e, para tanto, se torna imprescindível a aprendizagem de tópicos específicos que nem sempre são fornecidos, seja em contextos não formais ou formais. Ser autônomo implica possuir características como objetividade, determinação e empreendimento de tarefas, autodomínio, autoconfiança, valorização das próprias ações, disciplina, necessidade de questionamentos e reflexões, iniciativa própria, gerência de novos interesses, necessidade de progresso intelectual. Assim, a

aquisição de novos conhecimentos musicais faz parte de um processo que envolve, na maior parte dos casos, aspectos de reflexão mental e de habilidades técnicas, principalmente quando se trata do aprendizado prático de instrumentos musicais. Os processos de auto-aprendizagem podem ter resultados diversos, em que nem sempre o aprendiz desenvolve a capacidade de produzir novos conceitos e idéias. (Gohn, D., 2003, p. 6)

Os processos sociais da autoaprendizagem em guitarra parecem ser levados em conta nas respostas dos guitarristas amadores entrevistados. Aparentemente, dizer “eu aprendi sozinho” faz com que o guitarrista tenha méritos entre a comunidade instrumental. Ser autodidata e ainda “vencer” (tocar bem) confere ao indivíduo um *status cult* sobre a prática. Relaciono isso ao fato histórico de tantos guitarristas famosos e consagrados pelas mídias em diferentes períodos terem se denominado autodidatas, mesmo sendo a guitarra um instrumento com pouco mais de um

século de invenção. Na verdade, no início, considero que todos os guitarristas eram autodidatas no instrumento, pois, com a magnetização elétrica dos violões e, depois, com a troca por corpos construídos de madeira sólida e não mais ocos, os violonistas apenas trocaram de instrumento, adaptando-se à nova tecnologia. Logo, como já foi visto anteriormente, os violonistas se tornaram guitarristas autodidatas.

Ainda durante os anos 1960, com a explosão do *rock* e a consolidação da guitarra e sua aplicação e difusão musical em diversos gêneros musicais, surgem vários novos guitarristas (Friedlander, 2003). Como ainda não existiam cursos ou professores, surgem mais guitarristas autodidatas, sendo o mais famoso, mundialmente, Jimi Hendrix. No Brasil, podemos citar o guitarrista, professor e produtor musical Faiska, seguindo alguns e sendo seguido por muitos outros, que se destacam tocando variados estilos musicais. Sendo assim, dizer “eu aprendi sozinho” aproxima os indivíduos de seus ídolos. Daniel Gonh (2003, p. 15) comenta que

a admiração e a idolatria pelos artistas consagrados que são destacados nos veículos de massa conduzem seus seguidores a tentativas de imitação, não só no aspecto musical mas também em um contexto mais amplo, no que diz respeito a pensamentos e percepções do universo. [...] A imagem do ídolo é claramente uma motivação constante para o envolvimento com a música, estimulando o desejo de aprendizado e, em alguns casos, o estudo aprofundado da arte musical.

Por meio da fala de um dos entrevistados, verifiquei a importância de se ter modelos musicais personificados.

Cara, aprendi com o tempo, começando em idos de 93, 94, e a contragosto dos meus pais na época, totalmente autodidata, tirando música de fita cassete. Na época que comecei, internet era algo muito distante, porém enquanto todo mundo corria pra os virtuosos, eu me identificava mais com o *blues* e *funk*. Pirei com um cara chamado Tom Morello [guitarrista da banda Rage Against the Machine]. (Guitarrista 4, 2010)

Com base na fala dos “guitarristas”, entendi a importância atribuída à internet, às revistas especializadas e à difusão das videoaula, pois aprender “só” tem se tornado uma rotina cada vez mais comum e esses meios só colaboram na difusão e encurtamento dos caminhos que separam os aprendizes de seu aprendizado. Ainda percebi que, mesmo os alunos com condições de estudar em cursos especializados acabam, em algum momento, se aprimorando sozinhos em suas casas via métodos práticos e por meio da utilização da internet.

As aulas particulares de instrumento representam uma significativa parcela das aulas realizadas nos contextos músico-educacionais da atualidade e devem ser reconhecidas por seu papel na formação musical dos indivíduos. Essas aulas se caracterizam por ocorrer em espaços como a casa dos professores ou a casa dos alunos, ou ainda em outro espaço escolhido em comum acordo entre professor e aluno e especificamente preparado para essa prática. É um tipo de “escola alternativa de música”, onde os professores não precisam ser concursados, pois sua competência docente é legitimada por sua atuação como músicos.

O músico-professor é um profissional cuja formação foi orientada para o exercício de atividades artísticas na área da música. Sua atividade docente é colocada em segundo plano, embora ela seja, freqüentemente, a mais constante e a que assegura uma

remuneração regular. [...] Na perspectiva dos alunos, a competência docente do músico-professor revela-se em seu desempenho artístico-musical, comprovado em situações de performance. (Requião, 2001, p. 98)

Nesse contexto, assim como os espaços e cronogramas são flexíveis, também o são os conteúdos (instrumentos, repertório e conhecimentos teóricos) abordados, pois, na maioria dos encontros, tem-se por base os gostos e ambições musicais que partem do aluno. Os objetivos das aulas são construídos no processo interativo, gerando um processo educativo, e as aulas se tornam possíveis devido a um acordo prévio entre educador e educando, o qual poderá ser quebrado quando os interesses divergirem, independentemente dos cronogramas educacionais gerais da educação formal.

Os professores particulares entrevistados declaram que, no início de seus estudos e mesmo depois, quando se tornaram profissionais, a prática de autoaprendizagem fez e ainda faz parte de seu cotidiano. Isso já demonstra a primeira ligação entre autoaprendizagem e aulas particulares, ligação presente na formação dos professores.

Comecei a aprender a tocar violão em meados de 1989, ainda criança (13 anos), através de dois primos meus e alguns amigos, mas apenas por brincadeira e sem pretensão ou dedicação alguma. No final de 1992, comecei a tocar em uma banda de barzinho, numa cervejaria próxima de minha casa. [...] De lá pra cá já toquei com um monte de pessoas, assisti um monte de vídeos, li um monte de livros e assisti e participei de um monte de eventos (*workshop* e *master class*). E sem deixar de citar, aprendo diariamente com meus alunos. Eles me ensinam tanto quanto eu os ensino o pouco que sei. Nisso, já estou rompendo a barreira dos 20 anos de início e 18 de carreira profissional. (Professor particular 2, 2010)

Os outros paralelismos entre as aulas particulares de instrumento e a autoformação estão ligados à prática musical diária dos alunos. Em relação à autoaprendizagem, um outro aspecto relevante é “a necessidade de interação com outros aprendizes e a criação de redes de troca” (Corrêa, 2008, p. 14), como se pode verificar na fala dos entrevistados:

Comecei aprendendo sozinho e com amigos do colégio (na época fazia a então 7ª série, 13 anos). Com uns 14, 15, fui estudar com Leo Meira [professor particular], onde passei uns 3, 4 anos. Continuo estudando sozinho até hoje. (Guitarrista 5, 2010)

Ou ainda:

Iniciei com violão, sem nenhuma noção, sem ninguém, nem internet. Depois de dois meses parei, porque o violão não era meu, era emprestado. Depois comprei o meu, um ano depois, e já tinha internet. Daí, fui tocando músicas populares e chegou uma hora que ficou chato, aí eu peguei e comprei uma guitarra, e fui pesquisando na net, só na net... Hoje em dia, eu conheço um camarada que me ajudou bastante em música prática, ele não tem formação, mas ele é bem experiente e, às vezes, a gente tira um som e ele me passa alguns bizus. (Guitarrista 6, 2010)⁹

Essas práticas vão além dos espaços destinados às aulas, vão além das aulas. Afinal, ensaiar e tocar com amigos permite que o estudante teste aquilo que aprende com seu professor particular. Ademais, a decisão de repertório, a necessidade de tocar bem e o compromisso assumido entre amigos faz com que o estudante tenha mais responsabilidade para com o

instrumento e os conteúdos das aulas. Desse modo, acabam sendo geradas metas individuais, que deverão ser superadas por cada estudante em acordo com seu professor.

Desse modo, após a coleta e análise das falas dos entrevistados, pude perceber e confirmar a ocorrência de algumas das práticas citadas por autores anteriores, mesmo que esses tenham se aprofundado no fenômeno estudado em outros países que não o Brasil, como no caso de Green (2001). Além disso, os processos de autoaprendizagem relatados por Daniel Gohn (2003), em que fica evidente a utilização e importância das videoaulas e da internet em sua pesquisa com percussionistas/bateristas, se constituem como uma prática recorrente com os guitarristas entrevistados, mesmo aqueles que lembram de seus processos de educação no contexto das aulas particulares. Em comum com os estudos anteriores, verifiquei a influência da música popular no momento em que o estudante escolhe modelos a serem seguidos e copiados.

Os processos relacionados à autoaprendizagem são fundamentais para a aprendizagem dos guitarristas pesquisados. Tais processos acontecem em diferentes níveis, pois cada aprendiz tem sua própria realidade educacional, sendo a autoaprendizagem tanto um complemento a outros fenômenos educativos – a exemplo das aulas particulares – quanto uma alternativa “total” na formação musical desses instrumentistas. Deste modo, cada guitarrista aqui investigado busca caminhos para elaborar e superar suas metas, construindo uma consciência autônoma e crítica (autoavaliativa) de seu desenvolvimento e prática musical, fato importante quando se leva em consideração que os modelos associados à imagem do instrumento nem sempre são socioculturalmente aceitos.

Na prática da autoaprendizagem, o aluno constrói suas próprias conclusões a partir da mistura de informações oriundas de fontes diversas. Essas informações se relacionam com os gostos, valores e experiências pessoais dos alunos. Em geral, os gostos e valores dos estudantes de guitarra estão voltados ao estilo/gênero musical *rock* devido à especial posição dos guitarristas como *bandleaders* de famosos grupos musicais ou virtuosos a partir dos anos 1960 e do auxílio das mídias de massa na divulgação desse modelo musical personificado.

Através das aulas particulares e da busca pessoal de cada estudante, é possível juntar elementos da educação não formal com outros elementos formais, beneficiando aspectos práticos e aspectos teóricos mais gerais. O aprendiz aprende perguntando, questionando, observando, reproduzindo e comparando seus professores, ídolos (modelos musicais), amigos e familiares.

Após refletir sobre os dados coletados especificamente para essa pesquisa, juntamente com as respostas dos professores particulares entrevistados em minha primeira busca, foi possível perceber o quanto é recorrente e importante a prática da autoaprendizagem para os guitarristas, já que mais da metade dos entrevistados se declaram autodidatas em pelo menos algum momento de sua formação. Isso reforça e justifica a importância dessa investigação, a que se espera desperte o interesse de outros pesquisadores da área, os quais poderão dar continuidade ao estudo do tema.

conclusão

9. A expressão “bizus” significa, na fala do entrevistado, algum tipo de ajuda através de “dicas simples”.

referências

- ALMEIDA, C. M. G. de. Educação musical não-formal e atuação profissional. *Revista da Abem*, n. 13, p. 49-56, set. 2005.
- CORRÊA, M. K. Violão sem professor: um estudo sobre processos de auto-aprendizagem musical com adolescentes. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 12., 1999, Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, 1999. p. 1-10.
- _____. Discutindo a auto-aprendizagem. In: SOUZA, J. (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 13-38.
- FRIEDLANDER, P. *Rock and roll: uma história social*. Tradução de A. Costa. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GARCIA, M. da R. O ensino de guitarra elétrica no contexto de aulas particulares. In: CONGRESSO DA ABEM, 19., 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: UFG, 2010. p. 1487-1496.
- GOHN, D. M. *Auto-aprendizagem musical: alternativas tecnológicas*. São Paulo: Anna Blume, 2003.
- _____. *As novas tecnologias e a educação musical*. [s.d.]. Disponível em: <<http://cdchaves.sites.uol.com.br/educamusical.htm>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- GOHN, M. da G. Educação não formal no Brasil: anos 90. *Cidadania/Textos*, n. 10, p. 1-138, nov. 1997.
- _____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio*, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.
- GREEN, L. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Institute of Education, 2001.
- LIMA, S. A. de. Pesquisa e performance. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 13., 2001, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 531-538.
- MARQUES, A. F. de A. Processos de aprendizagens paralelas à aula de instrumento: três estudos de caso. *Revista da Abem*, n. 19, p. 37-44, mar. 2008.
- QUEIROZ, L. R. S.; FIGUEIRÊDO, A. R. P. da. Práticas musicais urbanas: dimensões do contexto sociocultural de João Pessoa. *Revista Ictus*, n. 7, p. 75-86, dez. 2006.
- REQUIÃO, L. Escolas de música alternativas e aulas particulares: uma opção para a formação profissional do músico. *Cadernos do Colóquio*, n. 1, p. 98-108, 2001.
- TEIXEIRA, G. *Aprendizagem autônoma ou auto aprendizagem*. 2005. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=12&texto=706>>. Acesso em: 10 out. 2010.
- WILLE, R. B. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da Abem*, n. 13, p. 39-48, set. 2005.

Recebido em
30/11/2010

Aprovado em
06/02/2011